

Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

FLASH!_06! TRANSPESQUISA [intervenções colaborativas em mundos complexos]. Seminário das pesquisas em curso do NOMADS- Núcleo de Estudos de Habitares Interativos, 2016.

Comunicação: Transdisciplinaridade: corpo, conhecimento e níveis de realidade. Esta comunicação é parte da pesquisa de doutorado "Entre-meios: corpo, cidade, *performance* e meios digitais"
Maria Julia Stella Martins, RA:9413581
Orientador: Prof. Dr. Assoc. Marcelo Tramontano

São Carlos, junho de 2016

Prólogo

10 de agosto de 1971,

De repente eu vivi “O corpo é a casa”, mas, ligando a percepção de que antigamente o corpo me salvava das grandes crises e que hoje, pela primeira vez, o inconsciente poderia salvar o corpo. A fantasia para mim é, pois: quando havia o conceito “A casa é o corpo” era ele, o corpo, que pela vitalidade salvava a mim e me dava força para superar a crise.

Hoje, “O corpo sendo a casa”, o inconsciente toma outra proporção e, é através dele que terei um rumo no futuro e será ele que me fará viver simplesmente a vida com toda a série de conhecimentos que meu trabalho me deu. Na fase “A casa é o corpo” havia toda a sorte de regressões foi a fase mais dura para mim onde acabei no Lagache. Saindo da crise pude estruturar uma fase em que inverti o conceito. Em geral, o conceito é amarrado antes e introjetado depois. Aí que cria a decolagem das minhas crises e também o meu crescimento. Acho que, pela primeira vez, amarrei na vida o novo conceito “O corpo é a casa” que no meu trabalho me religa com o mundo me faz crescer e é oposta as series antecedentes em que o homem era objeto de si mesmo. Acho que acabo de entrar no mundo para valer!¹

Portanto, um dos aspectos do que muda e se radicaliza no contemporâneo é que, a partir do momento que a arte passa a trabalhar qualquer matéria do mundo e nele interferir diretamente, explicita-se de modo mais contundente que a arte é uma prática de problematização: decifração de signos, produção de sentidos, criação de mundos. É exatamente nessa interferência na cartografia vigente que a prática estética faz obra, sendo bem-sucedido da forma indissociável de seu efeito de problematização do mundo (Rolnik, 2002).

The situation is not solved, as frequently attempted, creating supposed teams conformed of specialists in different areas, around a given problem. With such a mechanism one can only hope to achieve an accumulation of visions emerging from each of the participating disciplines. An integrating synthesis is not achieved through the accumulation of different brains. It must occur inside each of the brains and, thus, we need to orient higher education in a way that makes the achievement of such a purpose possible² (Max-Neef, 2005).

¹ Trecho de uns dos diários de Lygia Clark disponíveis no acervo digital do museu **O mundo de Lygia Clark**, no Rio de Janeiro. Este trecho foi transcrito pela autora em janeiro de 2012.

² A situação não é resolvida, tão freqüentemente tentada, criando equipes supostamente conformadas de especialistas em diferentes áreas, em torno de um determinado problema. Com esse mecanismo só podemos esperar atingir uma acumulação de visões que emergem de cada uma das disciplinas participantes. Uma síntese de integração não é conseguida através da acumulação de diferentes cérebros. Ele deve ocorrer dentro de cada um dos cérebros e, por isso, temos de orientar o ensino superior de uma maneira que faça com que a realização de tal finalidade seja possível (Max-Neef, 2005). (tradução livre da autora)

Resumo

Neste texto serão apresentadas relações entre o conceito de transdisciplinaridade e estudos anteriormente realizados pela autora que partem do corpo como objeto e meio de investigação, que pressupõe que produção de conhecimento se relaciona com processo criativo. O corpo referido aqui, é o corpo em diálogo com várias áreas de conhecimento, pois é entendido como campo de criação e constituído de múltiplas percepções, engendrando, deste modo, compreensões parciais acerca da complexidade existencial-relacional; através de sínteses de composições que são, ao mesmo tempo, gerais e específicas, que aproximam diferenças e geram novas contradições, possibilitando o desenvolvimento de teorias transitórias que se abrem para novas composições na medida que possibilitam que produção e compartilhamento de conhecimento aconteçam em diversos níveis de realidade.

Palavras-chave: corpo, conhecimento, transdisciplinaridade

Transdisciplinaridade: corpo, conhecimento e níveis de realidade

O corpo é tema central nas composições e expressões artísticas ao longo dos tempos, estampado e esculpido por inúmeras mãos e em diferentes suportes que estiveram presentes em diversos espaços. Talvez seja um dos únicos objetos de estudo que agrega em si as diferentes áreas de conhecimento. O corpo humano é objeto dos questionamentos, das pesquisas, experiências e reflexões que compõem o vasto universo dos saberes humano. Foi o primeiro signo a ser tatuado na pele da pedra da caverna por nossos antepassados. Tendo sido sacralizado e demonizado, é a origem de todo o pecado, foi negado e fustigado em determinado contexto e, em outro, ornamentado e cultuado como a expressão viva das divindades. O corpo guarda mistérios, desejos, pulsões e sonhos, se compõe e decompõe; só o trabalho sistemático de toda uma cultura — e cada cultura se incumbiu de criar rituais próprios para modelá-lo— é capaz de transformá-lo em um membro reconhecível pelo grupo ao qual pertence. O corpo é a cultura de um povo em movimento, é a encarnação da disputa e do poder, é o campo de aprendizados e de criações, de normas e condutas, de dissenso, é a loucura e o mistério, é a fragilidade e a força dos seres humanos. É o ponto de partida e a linha de chegada.

Atualmente, os estudos sobre o corpo, especificamente o corpo na arte, apontam para a sua compreensão como o espaço de entrecruzamento de informações, de estímulos, de passagem, de fluxos, de produção de sentidos. Sua descrição está mais voltada para estados corporais, perceptivos e expressivos, para as densidades, as tendências, as linhas de força e sua capacidade de interação com o meio no qual está inserido do que para a noção de um objeto completamente mensurável e apartado de seu meio. O corpo é, deste

modo, entendido como algo plástico, moldado pelas experiências por que passa, tornando-se suporte e signo original de toda a expressão, como o espaço de captação e combinação de informações que traz em si e de informações que recebe do meio (GREINER, 2005). Através do gesto compõe poéticas, tece sentidos diversos, memórias e espaço; é pelo movimento que expressa essas negociações. “As possibilidades expressivas do corpo humano — esse instrumento semiótico privilegiado — são quase ilimitadas, o que confere às *performances* um estatuto específico dentro do segmento das artes contemporâneas” (GLUSBERG, 2003).

O corpo é constituído de atributos concretos e simbólicos, elemento visíveis e invisíveis. É constituído de espaços concretos e abstratos que se relacionam com as concretudes e abstrações dos espaços circundantes. Uma mão é um dado concreto composto de carne, ossos, ligamentos, com gestos e funções que são partilhados coletivamente. As mãos seguram, pegam, apertam, carregam, acariciam, escrevem, tecem, modelam... Mas cada mão carrega em si memórias únicas, razões próprias, necessidades prementes, desejos singulares que a mobiliza a segurar, a pegar, a apertar, a carregar, a acariciar, a escrever, a tecer e a modelar. Cada gesto é o resultado de histórias, vontades, sentidos e significados encarnados em cada corpo. Todo gesto é, antes de tudo, potência, trabalho ou transferência de energia em transformação na relação com o tempo e o espaço. A manipulação e a transformação da energia pelo gesto, pelos movimentos do corpo, agem no entorno, construindo concretudes, simbolismos, coletividades, singularidades, significando e ressignificando o espaço, o tempo, os objetos, os corpos, as histórias, as vontades, os sentidos e os significados, produzindo variações de estados e formas corporais e novas composições subjetivas.

Deste modo, tomar o corpo como objeto de pesquisa buscando estabelecer relações entre processos criativos e produção de conhecimento, significa partir do pressuposto que, entendesse que o gesto quando forjado no esforço da criação produz conhecimento na medida em que busca estabelecer novas relações e composições em diversos níveis da realidade, outras formas de ser e de estar no mundo. Outro fenômeno que observa-se neste processo é que o objeto e o sujeito da pesquisa estão integrados, não há separação entre sujeito e objeto, o que existe são graus de pertencimento e de relação entre sujeito e objeto. O corpo passa a ser entendido como plataforma transdisciplinar de produção e compartilhamento de conhecimento, possibilitando que, produção e compartilhamento de conhecimento, sejam entendidos como graus de compreensão de realidades que se configuram em diversos níveis de percepção, tais como, racionalidade, sensibilidade, intuição, criatividade, etc. Para esclarecermos esta afirmação vejamos o exemplo dado por Max-Neef (2005):

Describing and explaining generate knowledge, and knowledge, guided by reason, belongs to the realm of science. But knowing is not the same as understanding. Here goes one example. Suppose that you know everything that can be known, from philosophical, anthropological, biological, theological and psychological points of view, about a human phenomenon called Love. So, you know everything that can be known about Love; but you will only understand Love, once you fall in love. You can only understand that of which you become a part, when the Subject that searches and observes becomes inseparably integrated with the Object searched and observed³ (Max-Neef, 2005).

Pode-se afirmar que o conhecimento ganha consistência na carne, quando o aparato perceptivo do corpo em seus diversos níveis perceptivos se mobiliza no processo de integração e compreensão dos diversos níveis de realidade que o compõe. Estes processos são possíveis na medida em que entendemos o corpo como plataforma aberta que se compõe a partir de suas instâncias internas e relações externas. As relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou modificam correspondem às intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Temos então que lidar não somente com a discursividade fonológica, gestual espacial, musical, etc., que dá suporte à constituição de um Território existencial, mas somos igualmente confrontados com consistências de conteúdo não-discursivas, as quais são referidas a essas mesmas semiologias discursivas (GUATTARI, 1992). É exatamente entre as consistências discursivas e não discursivas que o corpo, em estado de criação e pesquisa, opera, (re)organizando a si e ao entorno, simultaneamente, reafirmando sua condição de potência criadora e produtora de conhecimento. É no espaço tênue e mutável entre o que já foi nominado e o desconhecido que o corpo pode transitar e fazer pontes, relações entre o vivido e o imaginado. É neste lugar que encontramos possibilidades de criação, pois ela se relaciona diretamente com o desconhecido, com o novo, com aquilo que ainda não sabemos. Para Nicolescu (1999),

Such a process can continue indefinitely without ever accomplishing the construction of a completely unified theory. Knowledge is, thus, and may forever remain, an open structure. The different levels of reality are accessible to human knowledge through the existence of different levels of perception, which stand in a one-to-one correspondence with the levels of reality. Such levels of perception can be activated as a consequence of states of consciousness induced by our physical structure and our sensorial organs. Levels of perception can also remain as potentials awaiting to be activated through practices as those taught by Buddhism and Taoism, the Satori Experience being a case in point, as

³ Descrever e explicar produção de conhecimento, e conhecimento, guiado pela razão, pertence ao domínio da ciência. Mas saber não é a mesma coisa que compreensão. Aqui vai um exemplo. Suponha que você sabe tudo o que pode ser conhecido, a partir de pontos filosóficos, antropológicos, biológicos, teológicos e de vista psicológico, sobre um fenômeno humano, chamado Amor. Então, você sabe tudo o que pode ser conhecido sobre o amor; mas você só vai entender o amor, uma vez que você se apaixonar. Você só pode entender aquilo de que você se torna parte, quando o assunto que procura e observa torna-se inseparavelmente integrada com o objeto pesquisado e observado (Max-Neef,2005).(tradução livre da autora).

well as through Shamanic rituals, or other means that induce altered states of consciousness. We can now say that the unity of the levels of reality constitutes the Object of Transdisciplinarity, and the unity of the levels of perception constitutes the Subject of Transdisciplinarity. Knowledge is neither interior nor exterior; it is at the same time interior and exterior. The study of the Universe and the study of human beings sustain each other⁴ (Nicolescu, 1999)

Palavras finais

O trabalho corporal criativo pode nos conduzir neste caminho pelo desconhecido que experimentamos no corpo, pois, possibilita o encremento e a variação das percepções corpóreas, expandindo e alterando os níveis de consciência em si, sobre si e acerca do meio. Deste modo, abre-se a possibilidade de que algo novo seja descoberto, produzindo conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo, produzindo um tipo de aprendizado sensível que parte da experimentação e reflexão a partir do contato profundo com o corpo e o espaço.

“Coube a Espinosa ter destacado essas duas dimensões do Corpo e de ter definido o plano da Natureza como longitude e latitude puras. Longitude e latitude são dois elementos de uma cartografia” (Deleuze;Guattari, 1997, vol. 4); cartografia esta que mapeia o campo aberto do corpo, um espaço de múltiplas significações, vestígio de identidades, composição de infinitas camadas, concretas e virtuais. Sua topologia é complexa e mutante, se relaciona com diversas áreas de conhecimento e níveis de experiência. É a condição primeira de existência, o ser corpo em suas composições e relações, suas longitudes e latitudes. O corpo como objeto e meio de investigação que engendra compreensões parciais acerca da complexidade existencial-relacional; como síntese de uma composição que é, ao mesmo tempo, geral e específica; que é comum a toda espécie e, ao mesmo tempo, singular em sua combinação; que faz composições únicas que o generalizam e o particularizam, coexistindo o macro e o microcosmo. O olho que espia pelo buraco da luneta, o cosmo infinito e as minúsculas partículas das células, um instante entre a inspiração e a expiração, o suspiro da vida. Para Max-Neef (2005) nossa relação com um mundo complexo e uma

⁴ Um tal processo pode continuar indefinidamente sem nunca realizar a construção de uma teoria totalmente unificada. O conhecimento é, assim, e pode permanecer para sempre, uma estrutura aberta. Os diferentes níveis de realidade são acessíveis para o conhecimento humano através da existência de diferentes níveis de percepção, que estão em uma correspondência de um-para-um com os níveis de realidade. Tais níveis de percepção podem ser ativados como consequência de estados de consciência induzidos pela nossa estrutura física e os nossos órgãos sensoriais. Níveis de percepção podem também permanecer como potenciais aguardando para serem ativados por meio de práticas como as ensinadas pelo budismo e do taoísmo, a Experiencia Satori sendo um caso em questão, bem como através de rituais xamânicos, ou por outros meios que induzem estados alterados de consciência. Podemos agora dizer que a unidade dos níveis de realidade constitui o objeto da Transdisciplinaridade, e a unidade dos níveis de percepção constitui o sujeito da Transdisciplinaridade. O conhecimento não é, nem interior e nem exterior; é ao mesmo tempo interior e exterior. O estudo do Universo e o estudo dos seres humanos sustenta um ao outro (Nicolescu, 1999). (tradução livre da autora).

natureza complexa, requer pensamento complexo e, argumenta que, Edgar Morin, entre outras coisas, propõe uma reformulação radical da nossa organização de conhecimento que, considerando sua complexidade crescente, sugere a ideia de desenvolver um tipo de pensamento recursivo.

"That is to say, a thinking capable of establishing feedback loops in terms of concepts such as whole/part, order/disorder, observer/observed, system/ecosystem, in such a way that they remain simulateously complementary and antagonistic" (Morin, 1992)⁵.

Cada corpo é um agrupamento único de informações, experiências e composições, enredado na trama do corpo coletivo e na partilha do espaço comum, nos meios nos quais transita e deixa marcas, produzindo registros e vestígios, cuja sucessão determina uma trajetória, um caminho em construção sendo percorrido. A produção e o compartilhamento de conhecimento pensados a partir da perspectiva transdisciplinar pressupõe o engajamento do corpo na produção de registros e vestígios gerando composições infinitas de relações que vão construindo graus de pertencimento, movimentos de aproximação e distanciamento, teorias transitórias, uma vez que inevitavelmente leva à descoberta de novas contradições situados em novos níveis de realidade.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2008.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

MAX-NEEF, M.A. **Foundations of transdisciplinarity**. Ecological Economics 53, 2005 (0921-8009/\$ - see front matter 2005 Elsevier B.V. All rights reserved. doi:10.1016/j.ecolecon.2005.01.014)

MORIN, E. **From the concept of system to the paradigm of complexity**. Journal of Social and Evolutionary Systems 15 (4), 1992.

ROLNIK, S. Arte cura? Lygia Clark no limiar do contemporâneo. In: BARTUCCI, G. (Org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

⁵ .Isso é dizer, um pensamento capaz de estabelecer laços de *feedback* em termos de conceitos como todo / parte, ordem / desordem, observador / observado, sistema / ecossistema, de tal forma que eles permaneçam simultaneamente complementares e antagônicos (Morin, 1992) .(tradução livre da autora).